O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO II — N. 6 | RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1917 | REDAÇÃO: RUA DO SENADO, 218 -172 Telefone C. 1.499

Luta improficua

Com os ensinamentos que nos proporciona o conhecimento do meio ambiente em que vivemos, podemos avançar, sem receio de errar, que, á hora em que os prélos atirarem sob os olhos dos seus leitores este jornal, já se terão extinguido os ultimos écos da retumbante, mas efêmera ajitação contra o aumento dos impostos, nova carga que os governos federal e municipal acabam de lançar ás costas deste faminto povo, que terá de pagar dividas que não autorizou e que muito menos uzufruiu.

No correr dessa efêmera ajitação, assistimos, verdadeiramente perplexos, á conjunção de esforços dos elementos mais heterojeneos, entre cujos interesses ninguem, por mais conservador e por mais adaptado á sociedade capitaista, poderá achar nenhum ponto de contato, nenhuma afinidade, porque um — o comercio — é o algoz e o outro a vitima; um é o explorador impenitente e imoral, ezercendo o seu roubo tanto mais revoltantemente quanto o faz á sombra das garantias legais, apoiado na violencia organizada, isto é, nas leis, nos juizes que as interpretam, e nos esbirros, paizanos e militares, que as cumprem; — o outro — o infeliz povo — eternamente atrelado ao carro da sua propria desdita, acorrentado ao tronco da exploração pelas grossas cadeias da sua propria inconciencia, ele o produtor de todas as riquezas, que com os seus braços ou com os seus cérebros enche de confortos e de gozos a vida dos potentados, dos parazitas, dos ociozos, emfim desses inumeros zangões da colmeia humana que, erijindo-se em classe dominante, conseguiram pela ignorancia do povo o monopolio da vida.

E' que, desgraçadamente, o povo, na sua infancia milenar, não se poude ainda habituar a a dirijir-se pelos seus proprios pés, a pensar por conta propria, livre dos sofrimentos e embustes politicos e sociais.

De tudo e de todos espera o povo o gesto que o hade vir arrancar da dezoladora mizeria em que se encontra: dos politicos, dos governantes, da "mizericordia divina", da "sorte" e, ultimamente, até do proprio comercio!—menos da sua propria iniciativa, da sua enerjia, da afirmação da sua vontade que, si a soubesse fazer valer, ha muito teria cessado a sua angustioza situação, os seus pujentes sofrimentos...

A imprensa, induzida pelos seus interesses partidarios e pelos da classe capitalista, contribui eficazmente para que o povo seja ludibriado por uma série de erros e prejuizos no encarar a situação; esses interesses partidarios e de classe levam a imprensa a desvirtuar e complicar as mais simples questões,lançando a confuzão no espirito do povo, matando a confiança nos proprios esforços e fazendo-o acreditar que os seus males dirivam, não da organização social, mas sim das individualidades que atuam no cenario politico.

Daí o ter o povo suposto que o comercio, classe eminentemente conservadora, pudesse vir para a rua fazer cauza comum com ele, na defeza dos seus interesses.

Pobre povo! A que extremos de incoerencia póde levar-te a tua injenuidade, filha da ignorancia das orijens dos teus males!

Quando mesmo esse comercio podesse ser atinjido pelo pezo do aumento de impostos — o que é bem de vêr que o não será, pois que já o está descarregando sobre o povo — é evidente que o comercio, como classe conservadora por ecelencia, com interesses creados e vinculados á atual ordem de coizas,não se aventuraria certamente ás afoitezas de um protesto subversivo, pois que seria isto um pernicioso ezemplo de rebeldia ao povo, o qual por sua vez, com tais estimulos, não perderia certamente a ecelente oportunidade para tomar contas aos seus exploradores. E nós sabemos, pelas sujestivas lições da historia, o que é o povo quando se rezolve a tratar ele proprio dos seus interesses... Que formidaveis trancos não levaria a "ordem social", e até que ponto seriam respeitados os interesses creados da burguezia!

Parece mesmo que essas possibilidades nada agradaveis teriam sido oportunamente lembradas aos reprezentantes do comercio...

E afinal porque haveriam os comerciantes "et reliqua" de se meterem nesses "perigozos" protestos subversivos si eles, apezar de nada produzirem, são os melhor aquinhoados na partilha dos gozos da vida, vivem fartos, bem nutridos, bem vestidos!... Porque haveriam de as classes privilejiadas darem o ezemplo de insubordinação ás classes trabalhadoras, si agora mesmo, em meio ás calamidades decorrentes da hecatombe guerreira, são elas os que mais aproveitam especulando e enriquecendo cada vez mais com a fome do povo!

Vemos, pois, que o povo deve enveredar por outro caminho, si quer realmente reivindicar os seus direitos expoliados por governantes e capitalistas.

Nós devemos tomar por nossas mãos aquilo a que temos direito, sem cojitar si estamos dentro ou fóra da lei. Sentimos necessidades e essas necessidades podem e devem ser satisfeitas, custe o que custar!

Tampouco nos devemos preocupar si a patria preciza realmente do sacrificio daqueles que já nada mais têm a sacrificar, aos quais tudo falta; porque a patria não é o que hipocritamente nos ensinam: a "comunidade de interesses", "a terra onde nacemos e vivemos", mas sim os corrilhos de ladrões que se locupletam com o nosso trabalho. O povo trabalhador não póde ser responsavel pelos compromissos que eles contrairam sem sua audiencia; o produto desses emprestimos cujo pagamento tanto faz agora perigar a "honra" da patria, e cujas consequencias levam os governantes a apelar para o patriotismo do povo — só nesses momentos é que os homens da governança se apercebem da sua ezistencia — não reverteu absolutamente em beneficio desse povo, foi criminozamente esbanjado em banquetes, em orjias, em propinas á imprensa, em novas sinecuras, aumentando loucamente a burocracia ocioza em proveito exclusivo dos partidos politicos que exploram o povo em nome da patria.

Não se rejubile o povo com a saida do prefeito; a sua situação está muito lonje de sofrer modificação. O monstro não caiu, como hipocritamente afirma a imprensa; e não caiu porque ele aí está firme, eréto, garantido por alguns milhares de baionetas, empunhadas pelos filhos desse mesmo povo roubado e escarneado, e muito mais que por essas baionetas, pela sua ignorancia que julga não poder viver sem os seus maleficios, sem os seus crimes... O monstro é a sociedade capitalista com os seus organs mais genuinamente reprezentativos: o Estado e a propriedade privada.

Emquanto perdurar um rejimen social no qual uma reduzida minoria, apropriada dos meios de produção, da riqueza, obriga a maioria a produzir para o excluzivo beneficio deles, assegurando-lhe apenas o necessario para que não morra de fome, emquanto ezistir tamanha iniquidade, fique certo o povo, ele hade ser a vitima, a unica vitima, quer esteja no poder um Wenceslau, um Marechal Hermes ou um Ruy; quer seja prefeito um Azevedo Sodré ou um Au[illegible] Cavalcanti.

E sofrerá as maiores privações ao passo que a canalha dourada se espojará no meio dos seus vicios, num luxo insolente.

O povo deveria ter sempre prezente na sua memoria os versos da "Internacional", na sinjeleza da sua verdade:

Para não ter protestos vãos,
Para sair deste antro estreito,
Façamos nós, por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito!

Jornalismo operario

(Lido no festival em beneficio de "O Cosmopolita na noite de 30 de Setembro de 1916)

Não vos assusteis com esta rima de laudas... Asseguro-vos, sob palavra de honra, que o papel é encorpado bastante e que a minha letra é naturalmente grande e espaçada: para poucos minutos, quinze ou vinte, dará a materia aqui contida. Eu compreendo perfeitamente a anciedade em que estais de dar começo ao baile... e não cometeria a perversidade de torturar-vos com uma longa e eruditona conferencia doutrinaria ou apocaliptica. Isto, aliás, é cousa inteiramente estranha aos meus habitos e á minha vocação. Brevissimo serei, portanto. Poucas palavras. Considerações sumarias e lembranças oportunas.

Os camaradas componentes do grupo que se propõe a editar o periodico, em cujo beneficio se realiza este festival, pediram-me que viesse aqui dizer o que me fosse possivel, e segundo a indole das circunstancias, sobre o jornalismo operario. Tema cativante e instrutivo...

A' imprensa, em virtude da força da sua influencia, se chamou o quarto poder. Realmente constitui ela uma engrenajem poderozissima, formidavel maquina de idéas, forja colossal e predominante da opinião publica. Os governos não dispensam a colaboração do grande jornalismo, alugando-lhes as melhores penas, temerozos das opozições da letra de fôrma.

Com o prodijiozo dezenvolvimento do industrialismo moderno, a imprensa se tornou o grande coadjuvante dos altos negocios, transformada ela mesma em industria rendozissima, de caráter eminentemente capitalista, pela sua organização e orientação.

Para ezemplificar com os dados mais nossos conhecidos, lembra-me a critica penetrante e reveladora, sobre o jornalismo de França, feita por Francis Delaisi na sua obra "A democracia e os capitalistas". Os maiores jornais de Pariz são, com efeito, riquissimas emprezas cujo pezo é decizivo na balança da politica nacional. Com uma assombroza tirajem diaria, que ás vezes ultrapassa um milhão de ezemplares, o "Matin", o "Journal", o "Petit Journal" e outros mais se esparramam quotidianamente por toda a França, penetrando nas mais lonjinquas aldeas, infiltrando-se por toda a parte, criando assim uma incontrastavel influencia na opinião publica, que eles naturalmente manejam ao sabor dos interesess dos seus acionistas. E como a cupidez dessa especie de jente é insaciavel, póde bem imajinar-se quanta tramoia, quanto panamá polpudo tais emprezas jornalistas preparam e esploram impunemente. Delaisi afirma, com espirito e com verdade, que os grandes organs da imprensa industrial vivem menos dos escandalos que dão á luz que daqueles que não publicam...

Ora, o proletariado militante, diante da feição nitidamente capitalista tomada pelo jornalismo moderno, se viu na necessidade de criar, ele tambem, uma imprensa propria.

Seria interessantissimo um estudo historico e comparativo em que se estabelecesse o contraste radical entre os dous jornalismos, o capitalista e o proletario. Dum lado o espoente mais alto do idealismo dezinteressado e jenerozo: do outro lado o mais alto espoente da dezenfreada e dezapiedada luta pelo ouro e sempre mais ouro. Uma biblioteca e um cofre-forte; um cerebro e um estomago. O eterno dualismo das couzas...

Entre os ezemplos mais carateristicos do esforço proletario pela constituição de organs integralmente seus, conta-se o do "Revolté", fundado por Kropotkine em 1879 e que, sob o titulo de "Temps Nouveaux" e redijido por Jean Grave, em Pariz, ezistiu até ha dous anos atraz, até ao momento de estalar a conflagração européa.

Não me furto ao desejo de citar as proprias palavras de Kropotkine a este respeito, e que se encontram nas suas memorias, bem conhecidas de muitos de vós.

Depois de se referir á circunstancia de se verem obrigados a sair da Suissa os principais militantes da Federação do Jura, entre eles Kames Guillaume, que editava com grandes sacrificios um "Boletim" da Federação, conta o velho revolucionario russo:

"Aconteceu, pois, que eu, um estranjeiro, tive de empreender a publicação dum jornal para a Federação. Eu hezitava,está claro, mas não havia outro partido a tomar, e com dous amigos, Dumartheray e Herzig, lancei em Genebra, em fevereiro de 1879, um novo jornal bi-mensal sob o titulo "Le Revolté". Tive que tomar o encargo de o redijir quazi por inteiro. Nós não possuiamos mais que vinte e trez francos para começar o jornal, mas metemos mãos á obra, todos, a fim de se obterem assinaturas e conseguimos fazer aparecer o primeiro numero. Era moderado na fórma, mas revolucionario na essencia, e eu esforçava-me para compôr o jornal num estilo de natureza a tornar as mais complicadas questões historicas e economicas compreensiveis a qualquer operario intelijente. Anteriormente a tirajem dos nossos jornais jamais havia conseguido ultrapassar seiscentos ezemplares. Nós tirámos dous mil ezemplares do "Revolté", os quais se esgotavam ao cabo de poucos dias. Era um sucesso, e o jornal ainda eziste em Pariz, sob o titulo de "Temps Nouveaux".

E assim como este, brotados todos da vontade indomavel dos idealistas do movimento operario, quantos e quantos periodicos, oraculos da boa nova, a levarem ao trabalhador a palavra da esperança e da rebelião, se teem publicado por toda a parte do mundo, em todas as linguas e sob os mais diversos feitios, e cujas coleções encherão de assombro os historiadores do futuro, com a expressão mais comovedora, mais eloquente, mais flagrantemente justa da estupenda epopéa contemporanea das reivindicações proletarianas!

Varios são os jornais ainda hoje ezistentes, na Europa e na America, e que valem pela mais pozitiva demonstração de enerjia e de pertinacia. Para citar alguns dos mais familiares entre nós, basta lembrar-vos o "Freedon", de Londres, que já atravessou trez decadas e que ainda agora se ergue, em meio ao descalabro guerreiro, com a mesma pontualidade e firmeza de sempre. "Tierra y Libertad", de Barcelona, sempre intemerata e tenaz,vinda de longos anos, atravez uma série incontavel de obstaculos de todas as especies. "A Aurora", do Porto, melhorada em cada nova faze, e que se tem tornado um dos mais bem feitos e eficazes organs de propaganda que eu conheço. Aqui na America temos o ezemplo incomparavel de "La Protesta", de Buenos Aires, que se tem mantido atravez vinte anos das mais ferozes perseguições plutocraticas, empastelada e incendiada pela furia patrioteira da burguezia portenha, e reerguendo-se mais bela e mais ouzada depois de cada golpe da prepotencia, sendo atualmente o admiravel diario que todos vós sabeis.

Tambem aqui no Brazil, si não pelo numero de anos ou pela regularidade de publicação, temos tido alguns ecelentes periodicos, que a seu tempo prestaram os melhores serviços ás batalhas do operariado. Não vale a pena mencionar nomes em cuja historia estamos todos mais ou menos envolvidos.

A classe que fórma esta associação já teve igualmente o seu orgam jornalistico, "A Verdade", que bons esforços despendeu em prol do Centro Cosmopolita e suas reivindicações.

Cojita-se neste momento, de fazer aparecer "O Cosmopolita", creio que com a mesma feição e o mesmo programa: aqui nos achamos todos prestando o nosso concurso inicial para o que em breve se tornará uma formoza realidade.

Si algumas frazes de apoio e de incentivo eu hei de dirijir aos camaradas a que pertence esta iniciativa, nada melhor farei que repetir conceitos do fundador da "Revolté", Kropotkine, e dizer-lhes que o programa fundamental de todo o sincero orgam proletario está em "fazer sentir ao operario que o seu coração bate com o coração da humanidade inteira; que ele participa da sua revolta contra a injustiça secular, como das suas tentativas criadoras de novas condições sociais...".

Porque, evidentemente, a obra dos jornais operarios, a um tempo orientadora e refletora das suas lutas, não deve limitar-se ao rejistro de estatisticas mais ou menos rigorozas, nem á insersão de retoricas menos ou mais pompozas. Não: o seu alcance deve ir além dos imediatismos contentaveis ou dezaminadores, e forjar, em cada palavra, um elemento fermentador de enerjias rebeladas, um jermem de vontades renovadoras e purificadoras. Esta a obra necessaria e realmente util do jornalismo operario, e que eu auguro, neste instante, para o novel "O Cosmopolita".

ASTROJILDO PEREIRA.

O alcool e o tabaco

"O homem, esse já não assegura á sua decendencia o cunho dos antepassados."

EUGENIO GEORGE.

Podem ser contados ás dezenas de milhares os meios para o homem se envenenar lentamente, mas os unicos a que mais se afeiçoou para saciar seus instintos brutais foram sem duvida o tabaco e o alcool, agora companheiros inseparaveis seus.

Notadamente em nossa classe se encontram os mais afeiçoados nesses vicios que corrompem duma maneira estupida o organismo, por si já tão depauperado devido ao esforço violento de continuas horas de serviço ezaustivo.

Le Bon, Vohl e Eulemburg encontraram no tabaco, na doze de tres a oito miligramas de acido prussico por hectograma, e atribuem a esse toxico a cefaléa, as nauzeas e vomitos que acuzam a intoxicação entre fumantes novatos.

Uma grama de tabaco queimado em cigarros fornece 20 a 80 centimetros cubicos de oxido de carbono; no cachimbo a mesma quantidade dá lugar a uma produção de 50 a 100 centimetros cubicos daquele gaz.

Grehant, Dudley, Jacoby e outros autores atribuem á intoxicação lenta pelo oxido de carbono todos os acidentes tabajistas. Brodie, Bougon e Galtié observaram cazos de *delirium tremens* nicotico, com alucinações vizuais.

Segundo Grisolle e Blanchet o uzo prolongado do cachimbo e dos fumos fortes, é a cauza mais provavel da estupidez quanto mais prematura fôr esse vicio.

Notadamente se vê um fumante novato dizer, *abandono quando quizer*, nunca porém chegam a tomar essa rezolução pois a vontade está já aniquilada pelo vicio. Além destas demonstrações muitas outras ha para provar o mal que produz o vicio do tabaco e o retrocesso que traz para a humanidade tal vicio, amparado criminozamente pelos governantes, que o tomam como fonte de renda abundante. Si envêz de taxar tudo quanto se diz genero de primeira necessidade se taxasse o alcool e o tabaco, de tal maneira que constituisse um objeto de luxo, muito lucraria a humanidade com tal medida.

Em nossa classe, a qual mais depressa apanha todos esses vicios (tomados por distração para o longo cativeiro nas masmorras) essa lucraria duma maneira que se não póde de promto calcular, tal era essa medida salvadora da humanidade, mas como tal medida não virá e portanto é utopia, resta-me o consolo de que os que lerem estas linhas, nelas reflitam e reparem os males que advêm daí, e mais: si forem homens concientes de suas obrigações para com a especie, depressa abandonem esses vicios sem os quais passarão melhor e com os quais se arruinam e envenenam lentamente.

O alcool é o mais importante fator da dejeneração humana. Legrain encontrou em 761 filhos de bebedores 322 dejenerados, 155 alienados e 131 epileticos, o que equivale dizer que só 157 desses desgraçadinhos estavam em estado de saude perfeita. O que mais revolta é o ver-se a cumplicidade das classes dirijentes consentindo que o vicio da embriaguez seja explorado dum modo tão cinico e escandalozo.

Não é raro ver-se tribunais de juri defronte a cazas de bebidas, para julgar as vitimas que ali se perderam e perderam os seus. E mais, si ezaminarmos a galeria de criminozos lá veremos que a maioria o foram sob a ação do alcool, o que reprezenta que expiam um crime cometido pela sociedade. Em França se póde contar uma taberna para cada grupo de 65 habitantes, e em Londres ezistem cerca de cinco mil cazas de bebidas onde sómente frequentam ladrões e prostitutas, isto é, antes da guerra, porque agora, a dar credito aos telegramas e correspondencias,foi tudo abolido, tal foi o mal notado pelos governos. Diz mais Roubinovitch que no ano de 1895 o consumo de bebidas alcoolicas na Alemanha orçou em 3 bilhões e 400 milhões de francos, emquanto as despesas com os generos de primeira necessidade não ecederam de 3 bilhões e 800 milhões. *Kolossal!* Ainda Roubinovitch e Ladrague dizem que 50 °|° das creanças nacidas em Paris, Londres e outros grandes centros industriaes, morrem antes de atinjir á edade de 3 anos, devendo esta mortandade ser dividida pela hereditariedade tuberculoza e alcoolica e sendo a primeira filha querida da segunda indica quazi o mesmo com raras ecções. Não é raro ver-se um chefe de cozinha — pois é nesses antros que mais quantidade de alcool se consome, devido ao calor desprendido por essas fornalhas que queimam e ressecam os intestinos do ente humano mais rezistente — procurar enveredar por um caminho que não é o seu, o *de carrasco* de seus irmãos de infortunio e tudo porque? O Alcool. E tambem não é raro ver-se caixeiros de manhã cedo a beber o que na giria se chama de *abrideiras* e daí a pouco está um bruto perfeito, tipo intratavel, não é (muitas vezes) que sua indole o faça ser, mas sempre o alcool, que de seu organismo tomou conta, fel-o um louco manso até que um dia devido ao abuzo o faz um louco perigozo, richento e acaba num hospital ou num carcere, não sem muitas vezes levar com ele um companheiro pacato que se vê umas vezes na qualidade de vitima e noutras, a necessidade de reação o fez criminozo.

E como evitar esse mal?

Como fazer dezaparecer esses quadros que diariamente se vêm estampados nos jornais?

Já que não ha reação de parte das classes governamentais,nós como homens concientes (e si não o somos devemos procurar sel-o). reajir com todas as forças contra esses vicios que nos lançam á desgraça e levam a desgraça a nossos lares, enlutando-os e deixando na mais completa mizeria nossa prole, por si já tão definhada pelas privações que passa. Devemos ver que a classe mais atacada por esse mal é ezatamente a nossa, devido tambem ao continuo lidar com esses venenos, mas devemos adotar o que faz o farmaceutico que administra droga a todo o mundo, e para todos são muito boas mas para ele não são,ele não as prova; nós devemos seguir-lhes o ezemplo: envenenar os outros já que assim o querem, mas nós é que não nos devemos envenenar...

Muito mais queria dizer-vos sobre o assunto, mas o espaço de que dispomos não o comporta, sinão vos indicaria como a humanidade, desde as gerações mais remotas, se vem envenenando e definhando, chegando ao ponto em que está, corrompida pelo vicio, nas suas fórmas mais diversas.

Amigos, companheiros, desprezai o fumo e o alcool e mais vicios que vos levam a saude e a bolsa, vos definha e a vosas prole, e enveredai por outro caminho, aplicando-vos um pouco mais ao estudo e vereis si o que eu vos digo e o que os mestres nos dizem é verdade.

AGARB.

Os novos impostos e as intenções patronais...

Com o novo aumento de impostos começam tambem a surjir os rumores de uma projetada "revanche" dos proprietarios de hoteis, restaurants e cafés sobre os já reduzidos ordenados dos seus empregados.

Salarios de fome! — Eis o qualificativo que merecem os salarios que percebemos nós, os que, neste torrido clima brazileiro, estorricamos o arganismo já depauperado deante da fornalha chamejante dos fogões ou "pomos os bofes pela bôca", na estafante faina da sala do restaurant, hotel ou café, numa jornada de 12, 14 ou mais horas diarias, segundo apraz á sordida creatura a quem alugamos os nossos braços! E, comtudo, ainda julgam esses benemeritos cavalheiros que essa mesquinharia póde perfeitamente sofrer reduções!

Nós perguntamos estupefatos, não da desfaçatez desses senhores exploradores, mas da incrivel submissão e conformidade com esse estado de mizeria crecente — **Onde iremos parar?**

Que temos nós que ver com as aperturas financeiras, com as crizes de quem no tempo de fartura e bonança não partilha comosco os seus lucros avultados?

Será, então, possivel que ante tamanha mizeria se não levante um protesto unizono e potente dos oprimidos, fazendo sentir aos cauzantes de tantos e tão grandes males que basta de sofrimentos, basta de servidão?!

EXPEDIENTE

De conformidade com as bazes do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer espansão de pensamento, desde que se ajuste á lojica e á razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Ano	5$000
Semestre	3$000

PASCOA

Dedicado ao amigo e colega José Maria Vilar.

Nostaljicos pensamentos que de tempos a tempos nos aparecem na mente, como uma recordação dos momentos passados e ao lembral-os nos deixam uma saudade insondavel !

Passava, certa vez, por um caminho fundo e pedregozo que servia de leito a uma fonte de agua cristalina, que saía das entranhas daquelas barreiras, e se deslizava por entre as pedras do caminho, a que os raios ardentes de um sol de primavera dava uma deslumbrante claridade arjentea.

Debruçado sobre uma louza humida bebia agua na fonte um ancião andrajozo, avidamente sorvendo aquele liquido que lhe aplacava o estado febril. Ao vel-o, as suas cans inspiraram-me respeito e dó ao mesmo tempo, pelo seu tipo de Esopo, de que Velasquez fez a sua cabeça de estudo.

Como soubesse uma parte do passado daquelle velho proletario, encetei conversação com ele, pois que, quando interpelamos um homem de idade avançada, sempre nos contam alguma comovente historia dos tempos que já lá foram e muitas das quais nos servirão de lição para o futuro.

O ancião encarou-me friamente, mas pareceu-me haver inspirado uma certa simpatia, pelo respeito que lhe havia demonstrado. E então disse, filozofando:

"Eu sou a velhice que vai, tu és a juventude que vem ! Vens, pois, para a vida e que ela te seja mais propicia do foi para mim. Quando eu, como tu hoje, era ainda joven, emigrei daqui, em demanda de outras terras e de outros climas que fossem mais adequados ás minhas aspirações !

Mas, onde quer que fosse, e, por mais que procurasse, encontrava a mesma sociedade, a mesma organização retrograda e opressora, a mesma crueldade implacavel por toda a parte !

Sofrendo, embora, todas as consequencias, nunca me foi possivel amoldarme ás suas injustiças; rebelando-me sempre, compreendi, por fim, que nada póde adiantar uma formiga em frentando em reprezalia um formigueiro tão vasto. Humilhar-se ? Nunca ! mas enfrental-o ?...

E assim fui correndo essas terras, sem mais pensar nesse fantasma a que chamamos iluzão e esperança. Um dia sentí-me fatigado e sem forças, incapaz de qualquer rezistencia. Restava-me o suicidio, mas isso era a covardia. Não era precizo subir ao pincaro, e rezolvi voltar ao lar da familia, esfomeado, andrajozo e doente.

Da familia só me restava uma irmã, que antes de partir demonstrava ter-me amizade.

Entre camponezes antagonicos e retrogrados, principalmente, o homem vale apenas pelos haveres que possúe; grande parte dos que emigram, quando voltam aparecem com bons vestuarios e a carteira recheiada de bilhetes do banco, a maior das vezes adquiridos, pondo de lado a incomoda conciencia.

Ao chegar, doente e pobre, como o sabio de Calderon, deram-me hospitalidade os meus parentes mais prossimos que encontrara ainda: a minha irmã e o seu espozo (um camponez abastado), não sem um desdenhozo desprezo — mas temendo talvez a censura de algum despertado sentimento humanitario que pudesse surjir daquele populacho.

A doença agravava-se de dia para dia, até que, por fim, caí de cama, tornando-me, por assim dizer, um empecilho para o aváro lavrador.

Um dia, afinal, transportaram-me para um celeiro que aquele mizeravel tinha dezocupado e para alí me atiraram, dizendo que individuos da minha espécie não mereciam cuidados... E lá fiquei curtindo a doença e sofrendo os rigores da ventania de inverno que se introduzia por entre as ripas e conjelava-me os ossos.

Sentí-me um dia quasi desfalecer e pela porta do celeiro apareceu-me a figura de minha irmã, dotada de uma astucia relijioza, e dizendo-me haver chatucia relijioza e dizendo-me haver mandado chamar um padre para dar-me a "santa unção".

Quiz protestar, mas a lingua não se me dobrava na bôca para proferir palavra, só intimamente sentia a raiva que me cauzaria a prezença do padre, o "aza negra".

Felizmente o padre não veiu, alegando que eu era um heréje e que não era permitido pelos sabios dar-se a "santa unção" a um moribundo dentro de um celeiro.

Não se lembrava o sotaina que Paulo, de Tarso, estabelecedor do cristianismo em Roma, quando perseguido pelos escribas de Néro, prégava ao povo, nos fossos de uma pedreira, detraz do monte da Via Apia...

Já um pouco restabelecido saí daquele antro horrivel; um antigo camarada ofereceu-me uma cazita que possuia descupada, e alí penso passar com rezignação o resto dos meus dias.

*
* *

O velho cura tem o habito de fazer um percurso por toda a freguezia no domingo de pascoa, a dar a "bençam" em todas as cazas; como holocausto, põem todos em cima das mezas, adornadas com bonitas toalhas, uma duzia de ovos, uma duzia de espigas e cinco tostões em moedas de prata.

Estas ele guarda-as avida e cuidadozamente; as espigas e os ovos passa-os para os cestos dos sacristãis, para que carreguem para caza.

Certo dia encontrei-me por acazo, com o padre e ele disse-me que pela pascoa iria "benzer" a caza em que eu morava, nada lhe respondí, convencido de que lá não iria.

Qual não foi, porém, o meu espanto, vendo um belo dia o cura decer pelo caminho, em direção á nossa caza, com os respetivos "sacristas" na cauda.

Afigurou-se-me azado o momento para pregar-lhe uma partida, e, num ápice, coloquei a meza de pinho no meio da caza, puz-lhe em cima uns páus secos cruzados como para uma fogueira, e sobre eles um arenque salgado. O cura entrou apressado como um corvo, tirou o hissope da "caldeirinha" e esparjiu em derredor a sua "tizana", proferindo o "dominus amem", olhou cubiçozo para a meza e perguntou, por fim: "p'ra que tens aqui isto ?"

—Esta é a minha refeição para hoje, si quer servir-se, é a unica coiza a que posso convidar-lhe...

E lá se foi dezapontado, indignado, jurando, por todos os santos da sua côrte, não mais voltar a benzer-me a caza.

Aí tens essa historia dos transes da minha vida. Lembra-te dela, porque eu sou a velhice que vai, tu és a juventude que vem.

G. Costal

Lérias e Trêtas

Numa caza de petisqueiras da rua da Conceição, dois burguezes que alí vão, ás sextas-feiras, ao celebre "bacaláu nas brazas", travaram na ultima sexta-feira o seguinte dialogo:

— Porque será que nos restaurants ou hoteis de primeira ordem, apezar de tudo ser decente, as toalhas bem limpas, ha sempre moscas e aqui, que anda tudo sujo, as toalhas sempre imundas elas não fazem pouzo?...

— Ora essa ! Então você não vê logo que isso é um "problema rezolvido" ! E' que aqui os garçons são todos "orelhudos" e neste vai-vem pelo meio da caza, a bater as ditas orelhas "canalizam" o vento em todas as direções, e assim impossibilitam esses "inocentes" insétos de fazer o seu repasto na amavel companhia dos freguezes.

— Ah ! Então é por isso que aqui, mesmo sem ventiladores, está-se á fresca !

— Pois é. A Light tirou o trabalho aos muares e estes em reprezalia tiraram a renda que mesma companhia podia ter pelo consumo da enerjia elétrica necessaria para movimentar os ventiladores...

*
* *

No Restaurant da Urca uma familia de trabalhadores, apreciando um belo lunch, debaixo de pitoresca latada de maracujás, palestravam.

— De hoje em diante podemos contar um grande feito na vida, e que muita gente não conseguiu ainda...

— Devéras ? E qual é esse feito tão grande assim ?

— E que depois de roer muitos anos o pão que o diabo amassou, conseguimos um dia, ao menos, o pão de assucar !...

*
* *

No dia 1 fôra annunciado um comicio contra a carestia da vida, no largo de S. Francisco.

Logo que deixei o trabalho para lá me dirijí, mas ao chegar lá, era tarde, A esse tempo já o povo se encaminhava para as classicas manifestações á imprensa. Segui. A multidão tomou o rumo da rua Sete de Setembro e entrou na rua da Quitanda, passou em frente ao Imparcial, *sem fazer cazo da "imparcialidade", seguiu até á* Razão *(Ora, razão já ele tinha demaziado) Veiu á sacada um cidadão que deitou a falação ás massas, prégando a reação, a seu modo. "senhores ! — começou o tal cidadão — preparai-vos para a luta que vai ser terrivel entre o primeiro e o quarto estado social, ou seja o Estado e o proletariado, nada de violencias, aqui tendes a* Razão *ao vosso lado !"*

(O' coerencia, ó lojica, por onde andais que te não vejo !)

Nesse momento ouve-se ao longe o tropel dos cavalos dos esbirros policiais, e o "povo" que já tinha antes a razão abstrata e agora, tinha ao seu lado a razão concretada num titulo de jornal — achou muito mais prudente "dar cêbo ás canelas..."

MOXILA

Conferencias cientificas

A PROFILAXIA DA SIFILIS

Acedendo gentilmente ao convite do Grupo Editor de "O Comospolita", o ilustre Dr. João Pedro da Costa, medico do nosso Centro, onde tem prestado assinalados serviços profissionais aos seus associados, realizou na noite de 11 do corrente, perante regular concurrencia, a sua anunciada conferencia, primeira da série que pretende fazer sobre o problema altamente humano da profilaxia da sifilis.

O conferencista dezenvolveu longa e proficientemente o tema, encarando-o sob varios aspetos, numa linguajem sobria, conciza e duma maneira simples, ao alcance dos profanos a nobre ciencia medica.

A interessante conferencia do Dr. João Pedro da Costa foi plena de ensinamentos utilissimos para quantos tiveram o feliz ensejo de ouvil-a, na maioria jovens inespertos, que, ao renderem tributos ás inflexiveis leis da natureza, raro escapam ao contajio do terrivel mal, equivalente competidor da tuberculoze, na ingrata ceifa de vidas.

Durante a leitura do seu erudito trabalho, o conferencista ezibiu á assistencia inumeras fotografias de cazos clinicos, para melhor elucidação e constatação dos ezemplos citados. Falou detidamente sobre o tratamento do **606**, do **909** e do moderno **1.016**; fez o historico de todos esses medicamentos notadamente sobre o de Erlich que tanta revolução cauzou em todos os meios cientificos; e salienta os graves inconvenientes que podem rezultar do emprego de tais processos de cura, sem um prévio e detido ezame do organismo ao qual deva ser aplicado. Cita a proposito o cazo de um joven medico subitamente enlouquecido, após uma dezastroza aplicação do "606". Comenta dezassombradamente a feição mercantil, pouco escrupuloza, que se deu ao emprego desses preparados, dando-a como cauza do seu fracasso.

Depois disto, o Dr. João Pedro passa a apontar os perigos da contaminação da sifilis: a falta de hijiene nos cafés e restaurants, os barbeiros com as suas navalhas infecionadas, com a celebre pedra antisetica, o culto catolico, etc., etc.

Digna de rejistro é a atitude de independencia do conferencista que, apezar de catolico, não hezitou entre o dever humanitario de medico e o de relijiozo, apontando a relijião catolica com todas as suas cerimonias grotescas de beija-mão e lavajens d'agua benta, como o mais terrivel meio de contaminação da sifilis...

Mas, é-nos inteiramente impossivel darmos, por muito intenso que seja o nosso dezejo, um rezumo siquer da conferencia. A tanto não nos ajuda o nosso poder descritivo, nem o trabalho do Dr. J. P. da Costa é obra que, pela sua relevante importancia, possa ser rezumido. Pretendemos apenas dar ao leitor uma palida idéa da sua transcedencia.

Sobre a meza esteve em expozição durante a conferencia diversos orgãos de sifiliticos, convenientemente conservados numa solução de formol; tambem para tornar mais pratica a conferencia o Dr. João Pedro da Costa levou um microscopio, atravéz do qual os assistentes, curiozos, tiveram ocazião de observar os minusculos virus da sifilis.

Terminando não podemos deixar de consignar nestas linhas as delicadas referencias que o ilustre Dr. João Pedro teve ocazião de fazer a este modesto orgam.

Outrosim, tornamos publico, destas colunas, o profundo reconhecimento dos companheiros do Centro Cosmopolita, pelos eccessionais serviços que sua s. lhes vem prestando, com a generoza abnegação propria de quem faz da nobre ciencia medica um verdadeiro postulado.

Assim se honra a ciencia.

Assembléa Geral no Centro Cosmopolita

Quinta-feira, 18 do corrente, ás 21 e 1|2 horas, reune-se o Centro Cosmopolita, em assembléa geral extraordinaria, para tratar de importantes questões associativas.

São convidados todos os socios

Centro Cosmopolita

A 7 de janeiro corrente, comemorando a passajem do 5° anniversario do movimento grevista de 1912, realizou o Centro Cosmopolita, um comicio de propaganda.

Apezar do máu tempo e do dia (era um domingo, dia em que, por um habito cristão, a nossa classe é decididamente refrataria ás reuniões associativas...) a concurrencia não foi totalmente dezanimadora.

Além disso, é bom notar-se, não estava anunciado nenhum "imponente baile" para o fim do comicio, e — circunstancia digna de rejistro — não havia "bouffet" !...

A' hora marcada, constituida a meza pelos companheiros Bento Alonso e J. C. Pimenta, respetivamente como prezidente e secretario, tiveram inicio os trabalhos da sessão.

Fala o companheiro Bento Alonso, explicando os fins da reunião e relembrando as lutas travadas pelo Centro em prol da emancipação da classe.

Em seguida fala o companheiro Jacinto F. Lago, que começa censurando a quazi completa auzencia da Administração do Centro, que, até então, só se achava reprezentada no recinto pelo secretario; salienta que era essa a mesma Administração que, ainda ha poucos dias, cabalara furiozamente a sua propria eleição.

Passa depois a analizar as diversas administrações do Centro, que quazi nada hão trabalhado para despertar no seio da classe o interesse pelas suas reivindicações, fazendo incidir a sua critica sobre a conduta do companheiro que, na qualidade de prezidente do Centro, por ocazião da gréve de 7 de janeiro, fez uma escandaloza declaração na imprensa, que valia por uma verdadeira traição á cauza do proletariado. Esse companheiro, para ezimir-se a qualquer responsabilidade, declarára que o movimento não era promovido pelo Centro e sim por um grupo de socios que, para esse fim, lhe pedira o salão...

Os comentarios do companheiro Jacinto provocam uma tentativa de explicação do companheiro aludido, que pede a palavra e mais uma vez pretende justificar-se, só conseguindo com os seus disparates provocar ora a hilaridade, ora a indignação da assembléa.

Esse companheiro é duma infelicidade inaudita na defeza da sua dignidade tão gravemente comprometida, num gesto de tamanha infelicidade. Profere meia duzia de inconciencias, sobre a gréve de julho de 1915, atacando-a precizamente no que ela teve de melhor: as suas manifestações francamente subversivas, os seus atos de audacioza "sabotaje", o conselho ao povo para comer e não pagar, obrigando muitos exploradores que continuavam a ter submissos ao seu serviço infelizes "amarelos", a fechar os seus estabelecimentos ao verificarem que a "numeroza freguezia" fazia-se servir lautamente, mas não correspondia á sua espectativa de grossa féria...

As explicações do transfuga de 1912 obrigam o companheiro Raymundo R. Martins a tomar a palavra para desfazer as suas afirmações; aponta-o como impenitente traidor e covarde, não havendo outra palavra que defina com mais precizão a sua personalidade; ainda na ultima ajitação, disse, ele trabalhava na mesma caza, juntamente com outros companheiros do Centro, apontára o orador, e outros companheiros, como promotores salientes da ajitação, que então chegára ao seu apojeu, ameaçando terminar, como afinal terminou, na gréve. Diz que o companheiro em questão fôra obrigado pelo proprio patrão a fazer a debatida declaração sob pena de ser despedido da caza, e isto após esse companheiro haver feito uma vaidoza ezibição da sua pessoa, fazendo publicar o seu retrato num jornal. Passa, depois, a fazer uma critica sobre o meio ambiente da classe, classificando-o de servil e assinalandolhe os seus muitos prejuizos.

Fala Francisco Vilar profligando as administrações do Centro que se têm sucedido umas ás outras, sem nada fazerem, com rara ececões; acuza-as de "festeiras" e descuidadas dos altos interesses da classe, vizando unicamente a ezibição da suas pessoas, friza principalmente a administração Pregal.

Fala, por ultimo, Jesus B. Ricon, que analiza detidamente os varios movimentos de reivindicação da classe. Declara que irá trabalhar para a destituição da Administração do Centro, cazo ela não se rezolva a tomar a serio as reivindicações da coletividade.

Termina a sessão ás 12 horas, em meio da maior animação.

Os tres pontos capitais

!!!

O CRIME

O rabiscador ainda mesmo o mais indiferente, deve sentir alguma repugnancia ao aprezentar certos personajens.

Eis o meu cazo.

Michel Zévaco, quando algum capitulo dos seus romances é menos escrupulozo, costuma pôr no final desse capitulo, mais ou menos isto:

"O precedente capitulo, póde não agradar ao leitor, mas ele está no direito de o não ler e passar a diante."

Isto, depois do leitor haver gramado o capitulo em questão, é claro!

Ora, eu, aproveitando-me das palavras — das palavras apenas ! — do grande romancista, direi:

Na parte que se segue, entra em ação um personajem da peior especie.

Assassino, algumas mortes lhe pezam na conciencia, si na verdade ele tiver conciencia.

Dezordeiro, ele é dos mais temidos. Pedir um cigarro e dar uma facada em quem lh'o negasse era para ele um divertimento.

Ladrão, na Saude, seu campo de ação, todos os negociantes o temem.

Numa palavra, um refinadissimo patife.

Ora o leitor, — si é que eu terei algum — poderá terminar a narração na parte precedente. Aliás perderá o principal objetivo do meu conto.

Esse personajem é, nem mais nem menos, "moleque" Januario — Januario Francisco da Conceição, que tem fornecido o seu retrato acompanhado de algumas reportajens de suas proezas a varios jornais.

Mas devo ser justo: "moleque" Januario, possuia uma coiza que falta a muita gente bôa:

Patife, ladrão, bandido, assassino, ele seria incapaz duma traição.

E já agora, recordo-me dum cazo.

Certo negociante da rua do Livramento, sentiu-se roubado em vinte e tantos mil reis, da gaveta. Januario achava-se lá quando se deu pelo roubo. O taberneiro, queixou-se á policia, e as desconfianças cairam sobre o bandido. Foi preso. Na delegacia, a autoridade perguntou-lhe :

— Para que roubou o dinheiro deste homem ? E apontava para a vitima.

— E' falso! Não roubei nada. Respondeu.

— A policia, está informada que foi "você" !

— A policia, está mal informada.

— E como prova isso

— O meu "serviço", é mais limpo. Estava lá quando o roubo foi feito, e vi quem foi o ladrão.

— Quem é ?

— Isso pertence á policia, e eu não sou policia!

No dia seguinte, como não quizesse confessar, seguiu para a Detenção.

Note-se, que o verdadeiro ladrão era inimigo dele !

Dias depois, com receio de Januario, o gatuno confessou o crime, sendo então este solto e seguindo o outro para a prizão, que por sua vez tres semanas depois era tambem posto em liberdade.

Um mez e poucos dias adiante, o negociante em questão teve de ir ao centro da cidade. Chegando á rua Larga, foi para ver que horas eram, e só então notou que o relojio de ouro e corentão notou que o relojio de ouro e corrente tambem de ouro com brilhantes tinha "voado". Foi logo queixar-se á policia. O ladrão que um mez antes lhe roubára vinte mil reis do negocio, e que já estava em liberdade, foi novamente enviado para a Detenção.

Cinco dias depois, "moleque" Januario foi vizital-o.

—Pensionista outra vez, hein, Juca !

— Januario, pensei que estavas zangado comigo.

— Estava, mas já não estou.

— Mas olha, Januario. Juro-te que agora, estou inocente !

— Eu sei perfeitamente, pois que fui eu quem roubou o relogio.

— Tu ! Estás brincando.

— Já te disse ! fui eu ! Que eu minta, vá ! Mas outro, não consinto. Ele denunciou-me como sendo eu que lhe roubára os vinte mil reis. Então, roubei-o para que ele não mentisse.

Os dous riram-se. Compreendiam-se perfeitamente.

— Péga cem mil reis ! Disse "moleque" Januario entregando uma nota ao outro.

— O que é isto?

— Vendi o "negocio" por duzentos mil reis; cem são teus, os outros cem são meus.

— Januario, sejamos amigos !

— Sou teu amigo, desde que foste prezo agora. Mas nota o que te vou dizer:

Nunca denunciei ninguem, e tu denunciaste-me uma vez...

— Não fui eu, Januario, foi...

— Não acuzes ninguem, sei perfeitamente que foste tu. Mas escuta. Denunciaste-me uma vêz, foste preso agora, sem razão e, involuntariamente, por minha cauza, se bem que eu nada tenha com isso, vou arranjar com que vás para a rua amanhã ou depois.

Estamos quites, continuamos sendo amigos. Mas nota bem, si me denunciáres segunda vez, mato-te !

— Não! Quero ser teu amigo.

— Bem; até logo.

E separaram-se.

Eis o personajem que vai entrar em ação.

Devia ter, na epoca em que se passa esta narração, vinte e quatro anos.

Um ultimo traço: De raça creoula, ele era quazi branco.

—

Nove horas dessa mesma noite fria de Julho.

"Moleque" Januario, caminhava pela rua da Passajem despreocupadamente, ou antes talvez preocupado com o frio.

Um chapeu preto, de abas bastante largas cobria-lhe as feições. O cazaco, abotoado até em cima, ocultava-lhe parte do rosto. Não levava sobretudo, e não sei si ele mesmo o teria.

Onde iria ele áquela hora, afrontando as agruras do frio ?

A' alguma das suas muitas excursões noturnas ?

Não?

A resposta, é dificil...

Na esquina da praia de Botafogo, parou, acendeu um cigarro e poz-se observando as ondas de fumaça que subiam de sua bôca, o rosto até ao queixo sempre oculto pela gola do paletot, depois as mãos nos bolsos, caminhou em direção á cidade.

Seria do frio, ou procuraria assim caminhar despercebido ? Em todo o Rio talvez não houvesse distrito policial onde seu nome não fosse conhecido.

E nesse momento mesmo, talvez, quem sabe, a policia andasse em sua procura !

Logo em baixo, na rezidencia do comendador Gonçalves, havia festa.

E ele parou junto ao gradil, o olhar observador, perspicaz, pensativo.

Ele era um salteador audaciozo, um verdadeiro tipo temerario. Estaria ele meditando no momento de ajir ali mesmo

Talvez !

Estava ali haveria talvez, uns dez minutos, quando o seu olhar foi despertado por um grupo de creanças gritando, gesticulando e que distribuiam socos, bofetadas e empurrões numa outra creança que fazia vãos esforços para se desvencilhar delas. Depois viu um cavalheiro de cazaca aprossimar-se do grupo, tirar a vitima do meio delas com brutalidade e entregal-a a um creado que por sua vez a empurou até ás portas, depois um novo empurrão e a creança foi cair ás pernas dele. Se ele ali não estivesse, a infeliz teria ido esmigalhar a cabeça d'encontro á parede.

Ficou indignado. Ia caminhar ao portão, repreender o creado e esbofetear esse cavalheiro que tão covardemente tratára uma creança ! Mas conteve-se.

Nada adiantaria. Iria prezo, e essa desgraçada ficaria ali abandonada. Era precizo tirar dali aquela infeliz.

Foi junto á creança, fez-lhe carinhos, tirou um lenço do bolso e limpou-lhe as lagrimas e o sangue que lhe escorria do nariz e da boca.

— Machucaram-te muito ? Perguntou Januario.

— Eles eram muitos !... E depois inda veio aquele homem ?...

Mas sem razão, não é ? Eles atiravam biscoitos fóra... eu apanhava o que eles não queriam. Que mal fazia eu? Não fazia mal não é ?

— Ha sempre mal, meu querido inocente, em fazer "mal" aos maldozos. Não deves ficar aí. Queres vir comigo?

O inocente olhou-o demoradamente, depois:

— Quero ! disse por fim.

"Moleque" Januario, pegou a creança ao colo e tornou pelo caminho por onde tinha vindo.

— Como te chamas ?

— Amadeu. Respondeu a creança.

— Vou levar-te em caza de teus pais. Onde móras?

— Eu não tenho pais.

— Não tens pais! Sózinho no mundo! E's então um desgraçado, como eu ?!

— Que frio!... Disse pela segunda vez a creança.

— Tu tens frio ! Que desgraçado eu sou ! Não tinha reparado nisso.

O frio era medonho. O "bandido" pouzou a creança no chão, tirou o seu proprio paletot e agazalhou o pequenito com ele.

— Ainda tens frio ?

— Não. Tenho agora muita fome.

— Vem comigo. Vamos comer.

No largo de S. Clemente, havia uma caza de refeições. Entraram. A creança começou comendo com apetite devorador. Estava alegre, ria.

Januario pagou a despeza e sairam.

— Ainda tens fome ?

— Não. Agora já não tenho mais fome.

— Agora vou levar-te a tua caza. Onde móras?

A criança tornou-se subitamente triste. O homem notou isso.

— Não queres?

— A velha Joana bate-me.

—E quem é essa mulher que te bate ?

—O senhor não a conhece ? Ah ! é muito má !... Quando não levo muitas esmolas, não me dá de comer e bate-me!

—E onde mora ela ?

—No morro do Livramento.

—No morro do Livramento ? E como vieste parar aqui sózinha ? perguntou Januario espantado.

—Eu venho sempre ao largo da Carioca pedir doces nas confeitarias. Hoje vim, mas não comi nenhum. Os outros pequenos tiraram-nos. Vim vindo por onde vinham os bondes. Depois não sabia mais o caminho de caza. E agora, si o senhor me levar lá a Joana bate-me. E começou chorando novamente.

—Não queres então voltar para a caza da Joana ?

—Ela bate-me muito ! E no rosto da criança transparecia o medo.

— Queres vir comigo ?

—Ah ! quero, quero. Disse batendo as mãos.

—Gostas muito de mim ?

—Gosto, sim senhor. O senhor é muito bom. E' como se fosse meu pai.

—Ah, conheceste então teu pai ?

—Eu nunca tive pai, Mas os pais das outras creanças como eu, são bons como o senhor é.

"O senhor será mesmo o meu pai ?"

O bandido sorriu da inocente pergunta da creança, depois respondeu, pensativo:

—Sim ! Sou teu "pai" !...

—Ah ! Eu logo vi !

—Vem; vamos para a minha... para a "nossa" caza.

"Nunca mais terás fome e frio, porque agora, tens um pai.

"Sim ! Agora, eu tinha um filho !...

*
* *

A lua, que se tinha escondido por traz do Pão d'Assucar, reaparecia agora novamente por sobre o terreno onde fôra outr'ora a Expozição, clara, limpida, formoza, parecendo querer alumiar o caminho a esses dois filhos da desgraça, que se sentiam agora felizes, porque sentiam já se amarem mutuamente.

Eram felizes, porque um fazia a felicidade do outro.

Si um precizava da proteção do outro o outro sentia que necessitava do amor d'um ente qualquer que o estremecesse.

Rio, Dezembro de 1916.

Semog Leonam

Como se enjendra um verdugo

No Hotel Internacional trabalha um individuo que ezerce as funções de *maître d'hôtel*. Esse individuo antes de estourar a guerra que atualmente extermina a Europa, ezercia o mistér de estivador em um porto comercial da Inglaterra. Segue-se que uma vez aqui chegado foi ocupar a chefia da portaria do hotel acima referido; sem capacidade, nem habilitação alguma para tal mistér, encontrou-se no seu desejado elemento; ele, *chaleira* de natureza, e as mulheres da gerencia amigas de que lhe *chaleirem*. Começou a levar e trazer *novidades* até que se garantiu.

Tido como um empregado primorozo, foi elevado á categoria de *maître d'hôtel*, sem que reunisse condição alguma para o dezempenho de tal função, arvorou-se num Deus, todo poderozo, impondo tudo fóra da regra de trabalho, não só aos subalternos do restaurant, como a todos os demais empregados do estabelecimento.

Por aqui se póde fazer um calculo do carater desse individuo; hoje que é um *maître d'htel* incompetente, não trepida em cometer tanto abuzo, o que não fará, si amanhã fôr arvorado em gerente, como é de supôr, graças ao seu temperamento adulador ?

Prevenimo-nos e dezembanhamos a esgrima, aguardando oportunidade de desferir-lhe o golpe mortal, que o prostrará por terra.

Antecipadamente lhe previnimos que tome preçaução, mude de *teoria*, si não quer que lhe movamos uma tenaz campanha até realizar o fim que vizamos.

Não sou critico nem articulista, mas, em vista de tantos desmandos, sou obrigado a trazel-o em publico nas colunas de *O Cosmopolita*.

Runha do Castilho

A Ciencia e a Relijião

(Concluzão)

Que é a agua ? A análize quimica me demonstra que está constituida pela combinação de dois gazes: o oxijenio, gaz da vida, e o hidrojenio. A corrente galvanica transforma essa agua em seus dois gazes de compozição, e com a ajuda da faisca elétrica combina-se outra vez o oxijenio e o hidrojenio para formar novamente a agua.

E em todas essas transformações, criou ou aniquilou alguma coiza o quimico ? Nada.

A materia é tudo o que cái debaixo da ação dos nossos sentidos.

Só a conhecemos pelas suas propriedades e pelas impressões que comunica aos nossos orgãos dos sentidos e ao nosso sistema nervozo.

O calor, a luz, a eletricidade, o som, o pezo, tudo o que constitui as propriedades da materia não sinão fórmas diferentes do movimento das moléculas de materia. A força é, pois, inseparavel da materia, como ela, é indestrutivel. Transforma-se, mas não estingue-se jamais. O calor, por ezemplo, géra movimento, o movimento, porém, póde por sua vez reacionar sobre o calor. A luz do sol, armazenada nos bosques primarios, enterrados e carbonizados, reaparece na combustão do carvão, debaixo da fórma de calor, que póde ser transformada em movimento em uma maquina de vapor, movimento que por sua vez, por meio de um aparelho elétro-magnetico, póde ser transformado em eletricidade e em luz, como nos farós elétricos...

Ora bem, as forças vitais não são de diferente natureza que os forças fizicas. As forças que os sêres viventes dezemvolvem forças musculares, força inteléctual, estão indissoluvelmente ligados aos orgams que se géram. Procedem das combustões organicas, e no fundo, não são mais que a transformação da força potencial contida nos alimentos queimados pelo oxijenio da respiração.

O "pensamento" não se acetúa desta lei. O cerebro é necessario aos nossos movimentos. Que é que arde no musculo ? Hidrocarburos, carvão. Que arde no cerebro ? Lecitina, substancia cinzenta fosforada.

Póde-se comparar o pensamento á chama de uma véla, que não é a estearina que se derréte, nem a mécha que se queima, do mesmo modo que a ideia não é a lecitina cerebral que se queima mas a chispa que brota dessa combustão.

Não ha sensação, nem concienccia, nem pensamento, nem vontade sem cérebro...

Ha alguns seculos o homem explicava os fenómenos da natureza pela intervenção das potencias sobrenaturais: Jupiter lançava o raio; Fébo guiava o sol em sua marcha; Netuno mandava as ondas. Em sua necessidade de explicar todas as coizas, o homem povoava o universo com seus deuzes.

Hoje, essas divindades que o homem fazia á sua imajem e animava com as suas proprias paixões, desvaneceram-se; a ciencia substituiu-as com as forças naturais, que não se sujeitam a nenhum capricho, e que obrigam aos planetas, o sol e as estrelas, á percorrer suas órbitas eternas em vertiginoza carreira. Essas forças fazem da belota, um sobrero, da simples célula um homem.

CH. DEBIERRE.

*** Para Cambuquira segue hoje, 15, a trabalhar no hotel do mesmo nome, o nosso estimado companheiro Antonio Conde Garcia, ativo membro do nosso Grupo Editor, em cujo seio prestou sempre o concurso da sua infatigavel atividade ao dezenvolvimento de "O Cosmopolita".

Esperamos que o companheiro Conde Garcia continue a prestar naquela importante estação de aguas do Estado de Minas os melhores serviços ás reivindicações proletarias.

Em nome do G. E. de "O Comospolita" saudamos afetuozamente o camarada que ora se auzenta, almejando-lhe felicidades.

A Degringolada

Companheiros de "O Cosmopolita"

Peço permissão ao autor de tão bem intencionadas linhas para lhe gabar franmente a sinceridade do pensamento e a precizão com que soube desferir certeiros golpes na dezorganização do serviço da nossa classe entre nós, sem ferir a nota pessoal, sem melindrar indualidades.

Demonstrou ter uma profunda pratica e ser conhecedor dos irremediaveis contrastes desta mal organizada industria de alimentação.

Infelizmente, companheiros, temos a infelicidade de pertencer ou fazer parte de uma classe chamada classe domestica, ou melhor, classe servil. Tudo por falta de preparo, falta de companheirismo, falta de comparecimento ás reuniões onde se ventilam os nossos interesses: despreocupação, dezinteresse, indiferentismo por tudo quanto nos diz respeito.

Por falta de homens competentes e capazes de saber se impôr nos seus compromissos profissionais, sacrificam-se as enerjias fizicas e morais daqueles que, por instinto natural, ou dotados de um pensamento livre, são as vitimas naturais dos que, atribuindo-se grandes evoluções profissionais, não passam de méros infelizes, porque, por um lamentavel desconhecimento dos seus direitos e deveres, olvidando-se do primordial dever de bater-se pela sua dignidade ultrajada, são por fim arrastados aos extremos da degradação.

Esses são as vitimas com as quis todos os dias nos esbarramos nas ruas e praças desta cidade, dormindo ao relento; são os infelizes que enchem as mais infetas tascas, a que, finalmente, irão povoar os hopitais publicos.

E pensar que os que hoje são mestres foram os dicipulos desses espétros da mizeria, e que ao vel-os com as forças aniquiladas têm para ele um gesto de escarneo ou um olhar de desprezo !

Pois, companheiros ! reunamo-nos, tratemos da nossa cauza, independente de fanatismos e de rivalidades pessoais e mesquinhas a vêr si assim evitaremos esses vergonhozos espetáculos de companheiros de caidos, desprestijiados e reduzidos no ultimo quartel da vida ou em plena mocidade aos extremos da mizeria.

Decididamente precizamos tomar uma iniciativa ou do contrario abandonar por completo as aspirações de emancipar uma classe tão oprimida, mas tão descuidada dos seus interesses.

Um sacrificado

OS AMORFOS

Frequentemente observamos em redor de nós, a ezistencia duma apreciavel quantidade de individuos que aprezentam todos os indicios de uma pobreza mental quazi absoluta. Assim é que vemol-os dezenvolver-se dentro do ambiente social como personalidades vagas e vaciliantes; analizando todos os seus atos e seguindo todos os seus movimentos automaticos, revelam-se-nos como homens que necessitam de vontade propria e de caráter, incapazes de seguir uma orientação pratica e definida, de tendencia progressiva, porém absolutamente ingrata ao meio em que atuam. Esses individuos são denominados "amorfos" ou "indiferentes".

Esses apaticos, que dezempenham a missão anodima de intervir apenas em todos os fatos superficiais da ezistencia humana e social, marcham pela estrada da vida, sem ideais, sem impulsos proprios, desvinculados de toda a ação generoza e elevada .

Uns apaixonam-se pelas diversões hipicas; outros pelo jogo do bilhar, aqueles abancam febrilmente ás cazas de batotas, est'outros lançam-se nas pandegas, nas bambochatas, aquel'outros na embriaguez do alcool, etc. ; em todas estas ocupações frivolas ou prejudiciais consomem os "amorfos" a melhor parte da sua ezistencia

Os atos mais nobres, de maior profundeza e elevação, são olhados e apreciados com insolente desdem, numa indolencia sistematica por esses perpetuadores de praticas velhas e de rotina atavica.

São adversarios irredutiveis de tudo que reprezenta uma ideia avançada e fecunda.

Na luta que se trava implacavelmente entre conservadores e revolucionarios, eles dezempenham o papel de "convidados de pedra, como "fantoches", extraviados no caminho humano, a que falta a luz do pensamento proprio, e do caráter firme para poderem orientar-se.

Onde vão ? Não o sabem de ciencia certa. Talvez subir mui alto ás pozições mais invejaveis, ou talvez cairem no nada, fundindo-se no pó do esquecimento !

Pobres seres! Quanto dó nos cauzam! Em todo cazo parece-lhes que vivem no melhor dos mundos, e que a sua vida é a mais agradavel. Pensam que o mundo e as coizas têm sido sempre assim e que eles não podem transformal-os. São os "amorfos" que dormem um sono letarjico. Procuremos despertal-os.

M. Cesarelte

Da revista "Artes Graphicas".

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*